OPINIÃO

AFTOSA: ELIMINAÇÃO DA VACINAÇÃO PODE TRAZER GANHOS

FRANCISCO SÉRGIO FERREIRA JARDIM
Secretário de Agricultura e Abastecimento do estado de São Paulo

A ETAPA de maio da campanha de vacinação contra a febre aftosa no estado de São Paulo – que conta com cerca de 11 milhões de bovídeos (bovinos e bubalinos) de todas as idades – trouxe a novidade da adoção de uma nova estratégia de imunização, para uniformizar o sistema com o calendário dos demais estados, com vistas à retirada da vacinação em 2021.

São Paulo tem um nível bom de controle da aftosa, com uma taxa de vacinação superior a 98%, mas é preciso que estejamos sempre atentos, especialmente os produtores. A retirada da vacinação é de fundamental importância, pois ser considerada área livre de aftosa sem vacinação traz um enorme ganho ao agregar valor à produção e mais renda aos produtores.

Nosso estado é o maior recebedor de gado do Brasil, estimando-se em 1,2 milhão de cabeças para terminar, além de outro 1,2 milhão que vem para abate. Antes da inversão, era necessário revacinar o gado que viesse para o solo paulista, gerando custos.

A eliminação da vacinação prevista para 2021 gerará uma economia, em números atuais, de aproximadamente R$ 40 milhões por ano aos produtores paulistas. Tudo está sendo feito pela Coordenadoria de Defesa Agropecuária (CDA) em consonância com o preconizado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), com critérios técnicos e científicos, para atender o produtor e manter a alimentação saudável para o consumidor.

Contudo, há um ganho ainda intangível: a valorização da carne brasileira para mercados mais exigentes, além de alguns nichos mercadológicos. É importante salientar que não é só o que se ganha no futuro, mas também o que o estado deixará de perder. Por isso, é importante que a CDA desafie o produtor a ter a sanidade numa área livre de vacinação.

O Brasil é líder e referência global na produção de carnes. Mas, há um potencial enorme de crescimento, pois os países desenvolvidos estão com estagnação no consumo *per capita*, em cerca de 100 quilos/habitante/ano (kg/hab./ano), das três principais proteínas exportadas pelo Brasil (aves, bovinos e suínos), considerando-se os quarenta países mais ricos do mundo, que abrigam 1 bilhão de pessoas. Os países em desenvolvimento consomem 30 kg/hab./ano, e os mais pobres, 10 kg/hab./ano.

Isso se potencializa se considerarmos o pouco comentado fato de a Indonésia – quarto país mais populoso do mundo, com 260 milhões de habitantes e consumo de apenas 3 kg/hab./ano de proteína – estar abrindo seu mercado ao produto brasileiro.

E a nossa produção vem evoluindo. Em dezesseis anos (1990-2016), o rebanho bovino brasileiro cresceu 40%, enquanto a área utilizada para criação foi reduzida de 190 milhões para 165 milhões de hectares. Mas, ainda há muito a se evoluir, pois o Brasil é um dos melhores lugares do mundo para se produzir gado a pasto.

E, na Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, o Instituto de Zootecnia (IZ), ligado à Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA), tem importantes programas de melhoria genética do gado. Tanto a CDA, que cuida da sanidade, quanto a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), que leva os avanços, principalmente, aos pequenos produtores, são protagonistas nesse trabalho, que pode ser cada vez mais importante para os produtores e as economias paulista e nacional. ■

